

Condição Camponesa e Modo de Vida Camponês numa Análise de Práticas Agroecológicas em Sistemas Agroflorestais no RS

Peasant Condition and Manner of Rural Life in Analysis of Agroecological Practices in Agroforestry Systems in RS

BOLFE, Ana Paula Fraga. UNICAMP, anapaula_f76@yahoo.com.br; BERGAMASCO, Sonia Maria. UNICAMP, sonia@feagri.unicamp.br.

Resumo

O trabalho apresenta a visão de agricultores familiares e agricultores familiares assentados que adotam sistemas agroflorestais, um desenho ecológico sustentável voltado para a agricultura e floresta. A pesquisa utilizou a metodologia da história oral, em duas áreas distintas no estado do RS, na região de Torres com agricultores familiares, no Assentamento 19 de Setembro, Guaíba com agricultores familiares assentados. Observa-se situações diferentes nos dois cenários, mas, ambos trazem a tona questões referentes a redefinição nas formas de organização da produção e em suas narrativas desvelam sentidos e significados definindo uma condição camponesa e modo de vida camponês numa luta pela autonomia e progresso no mundo caracterizado pelas relações de dependência e privação.

Palavras-chave: Agricultura familiar, sustentabilidade, assentamentos rurais.

Abstract

The work present the vision of farmers familiars and seated farmers familiars that adopt agroforestry systems, a sustainable ecology drawing returned to the agriculture and forest. The research utilized the methodology of the oral history, in two distinct areas in the state of RS, in region of Torres with farmers familiars, in settlement 19 of September, Guaíba with seated farmers familiars. Observed different situations in two sceneries, but, both bring the surface questions concerning the redefinition in the forms of organization of the production and in your narratives unveil senses and meanings defining a peasant condition and manner of rural life in a struggle for the autonomy and progress in world distinguished for the relations of dependence and privation.

Keywords: Agriculture familiar, sustainable, rural settlements.

Introdução

Este trabalho apresenta algumas discussões de parte da pesquisa intitulada Sistemas Agroflorestais e Identidade Cultural: caminhos da sustentabilidade na agricultura familiar, que objetiva analisar os condicionantes culturais no contexto da incorporação de práticas em sistemas agroflorestais junto a agricultores familiares e agricultores familiares assentados.

Nesse contexto se tem uma análise de dois cenários: em um é pertinente entender como os sistemas agroflorestais são constituídos pelo agricultor familiar assentado para compreender a dinâmica desse processo de conhecimento uma vez que suas trajetórias perpassam o rural e o urbano. Noutro, o agricultor familiar, que geralmente possui trajetória fixa no rural e a produção familiar se encontra inserida numa realidade local comunitária onde se transmite, de geração para geração, conhecimentos técnicos e produtivos utilizando-se um conhecimento acumulado sobre os ecossistemas e a proximidade das relações entre as pessoas. Em ambos cenários mantém-se a lógica interna da produção camponesa e familiar percebendo que essas unidades de produção não são regidas por categorias econômicas válidas para a economia capitalista, tais como renda, salário, lucro (CHAYANOV, 1999). Onde é importante insistir que o familiar não é detalhe superficial ou descritivo, pois a associação família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como o produtor familiar age econômica e socialmente (WANDERLEY, 1997).

Metodologia

A pesquisa está sendo conduzida em duas áreas distintas. Na primeira, junto a agricultores familiares no litoral norte do Rio Grande do Sul, mais conhecido como a região de Torres, que congrega os municípios de Torres, Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul, Mampituba e Dom Pedro de Alcântara, municípios que com exceção de Torres que é pólo turístico, têm como principal atividade econômica a agricultura de base familiar. Na segunda, com agricultores familiares assentados do Assentamento 19 de Setembro que localiza-se no município de Guaíba, RS, situado no Km 217 da BR-116.

Utilizou-se a metodologia da história oral colhida por meio de entrevista que de variada forma registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Como instrumentos nesta pesquisa se utilizou, dentro do quadro da história oral, a história de vida que se define como o relato de um narrador sobre sua existência (QUEIROZ, 1988), onde as interferências do pesquisador devem ser reduzidas, pois o importante é captar as experiências dos narradores, num processo de reconstrução da memória. Mas a memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994). Assim, as massas de lembranças comuns, que se apóiam uma sobre as outras, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um desses indivíduos (HALBWACHS, 1990), delineando e mostrando os condicionantes culturais ligados a adoção e constituição dos sistemas agroflorestais.

Resultados e discussões

Têm-se como resultado o conhecimento de como os agricultores tiveram contato com os sistemas agroflorestais, entendeu-se em quais circunstâncias isso ocorreu, e as diferentes relações com tais sistemas, que são entendidos na perspectiva agroecológica como arranjos sequenciais de espécies ou de consórcios de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas, através dos quais se busca, ao longo do tempo, reproduzir uma dinâmica sucessional natural, visando atender demandas humanas de modo sustentável (VIVAN, 2000).

Ao analisar as narrativas dos agricultores que adotam os sistemas agroflorestais nota-se uma harmonia, integração sociedade e natureza em um sentido mais amplo, porém mais especificamente visualiza-se a ciência agroecológica que pretende harmonizar sistemas produtivos e natureza, pois sistemas agroflorestais são um modelo de desenho ecológico sustentável voltado para a agricultura e floresta. É inclusivo porque combina as instâncias sociais, naturais e produtivas. O sentido da ação humana de compartilhar torna-se mais amplo: com semelhantes da espécie e com todos os demais seres vivos, uma vez que proporciona um espaço para a coexistência de todas as formas de vida.

Diferente do que propõe a prática dos sistemas agroflorestais o equilíbrio entre o homem e a natureza perdeu-se ao longo dos anos, tornando aos poucos a natureza carente e doentia, os agricultores explicam e descrevem a atuação cada vez mais destruidora sobre as fontes naturais de alimentos o que inaugura um ciclo de enfraquecimento e a passagem da fartura para a privação (BRANDÃO, 1981).

Dado o padrão tecnológico dominante e a precariedade de recursos no processo produtivo, a questão ambiental não tem sido relevante, como também o trato cuidadoso da terra, o que não poderia ser diferente, visto que todo o sistema produtivo agropecuário tanto tecnológico quanto financeiro se apóia na idealização do que se convencionou chamar de agricultura moderna (CARMO, 2003). A agricultura moderna é a que tem como eixo a monocultura, onde as indústrias químicas e mecânicas emergentes intensificaram a produção de insumos agrícolas, passando a

agricultura a depender cada vez menos dos recursos locais, e cada vez mais dos tratores, colheitadeiras, arados, agrotóxicos e ração animal produzidos pela indústria, (EHLERS, 1999).

No entanto, sob uma lógica da agroecologia conduzem-se os sistemas agroflorestais que têm-se mostrado como uma estratégia que privilegia a convergência entre diferentes maneiras de encarar a sustentabilidade dos sistemas de produção, já que partem de princípios básicos fundamentais, aproveitando os conhecimentos locais e desenvolvendo sistemas adaptados para o potencial do local.

São os sistemas agroflorestais uma tentativa de harmonizar nossas atividades agrícolas com os processos naturais dos seres vivos para produzir um nível ideal de diversidade e quantidade de frutos, sementes e outros materiais orgânicos de alta qualidade, sem o uso de insumos como fertilizantes, pesticidas ou maquinários pesados (GÖTSCH, 1995). O objetivo é que cada espécie se desenvolva para aproximar nossos sistemas agrícolas do ecossistema natural do local, portanto, trata-se do oposto da agricultura moderna, na qual o homem tenta adaptar plantas e ecossistemas às necessidades da tecnologia.

No decorrer do trabalho empírico observou-se situações diferentes nos dois cenários em função da trajetória destes agricultores, no entanto, ambos trazem a tona questões referentes a redefinição nas formas de organização da produção e em suas narrativas desvelam sentidos e significados entre homens as voltas com plantas, animais e outros seres de domínio natural por meio do exercício do seu trabalho, ou seja, naquilo em que, culturalmente, os homens do campo se pensam e pensam a sua cultura no que ela tem de mais vizinha ao próprio mundo natural, o qual é provido de teias e tramas de significados, vividas entre atores sociais e os seus seres (BRANDÃO, 1999).

Ainda analisando suas histórias de vida é possível definir uma condição camponesa e um modo de vida camponês como uma luta pela autonomia e pelo progresso em um mundo caracterizado pelas relações de dependência e privação. A característica específica do campesinato é que a autonomia e o progresso são criados através da co-produção entre o homem e a natureza viva, que diz respeito à interação e transformação mútua constantes entre o homem e a natureza (PLOEG, 2008).

Conclusões

Na análise e discussão do trabalho que investiga os condicionantes culturais na adoção de sistemas agroflorestais e que parte do entendimento desta prática pelo próprio agricultor pode-se afirmar que os camponeses, onde quer que vivam, relacionam-se com a natureza em formas que diferem radicalmente das relações implícitas em outros modos de fazer agricultura, moldando e desenvolvendo recursos tanto materiais como sociais de modo distinto, numa condição de agente, a qual lhe atribui capacidade de processar a experiência social e conceber formas de lidar com a vida dentro de limites de informações, de incertezas e outras limitações.

Referências

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, C.R. *Plantar, colher e comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

BRANDÃO, C.R. *O afeto da terra*. Campinas: UNICAMP, 1999.

CARMO, M., S. do. Assentamentos Rurais em São Paulo e a agricultura sustentável em um enfoque de redirecionamento de perspectivas. In: BERGAMASCO, S.M.P.P.; AUBRÉE, M.

Resumos do VI CBA e II CLAA

FERRANTE, V.L.S.B. (Orgs) *Dinâmica familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo*, Campinas: UNICAMP; UNIARA; INCRA. 2003. p. 295-318.

CHAYANOV, A. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: GONÇALVES, J. S. *Mudar para manter; pseudomorfose da agricultura brasileira*. São Paulo: Sec. da Agric. e Abast., 1999.

EHLERS, E. *Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. 2.ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 157p.

GÖTSCH, E. *O renascer da agricultura*. Rio de Janeiro: AS-PTA. 1995. 24 p.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

PLOEG, J.D.V.D. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

QUEIROZ, M.I.P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O.M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

VIVAN, J.L. Diversificação e Manejo em Sistemas Agroflorestais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 3., 2000, Manaus. *Anais...* Manaus: CBSA, 2000. p. 32-41.

WANDERLEY, M.N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO DE PESQUISA SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA NOS TABULEIROS COSTEIROS DE SERGIPE, 1997, Aracaju. *Anais...* Aracaju, 1997, p. 9-40.